

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO SOB UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: DESAMPARO, SERVIDÃO E MONTAGEM PERVERSA¹

Lucianne Sant'Anna de Menezes²

RESUMO

Este trabalho traz uma colaboração psicanalítica na abordagem da precarização do trabalho, investigando os modos de subjetivação atuais. Procurou-se estabelecer um diálogo na interface psicanálise, saúde e trabalho, a partir da observação psicanalítica de um caso investigado na Vigilância em Saúde do Trabalhador, dispondo de dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade, e recuperando o fundamento do método psicanalítico na sua dimensão de extensão. A análise do processo produtivo demonstrou que o trabalhador é submetido a uma condição de trabalho precarizada que, sob um olhar psicanalítico, revelou uma montagem perversa, marcada pelo viés da servidão e sustentada por certa modalidade de poder na contemporaneidade.

Palavras-chave: Psicanálise e Cultura; Precarização do Trabalho; Desamparo; Saúde do trabalhador.

ABSTRACT

This work offers a psychoanalytic collaboration in addressing the precarious employment, investigating the current modes of subjectivity. Tried to establish a dialogue in psychoanalysis interface, health and work, from a psychoanalytic observation of a case investigated in Workers' Health Surveillance, with the joint analysis devices subject and society, and restoring the foundation of the psychoanalytical method in its magnitude and extension. The production process analysis showed that the employee is subjected to a precarious working condition that, under a psychoanalytical study, revealed a perverse assembly, marked by slavery and sustained by a kind of power in contemporary society.

Keywords: Psychoanalysis and Culture; Precariousness of Work; Helplessness; Occupational Helath.

¹ Este artigo é fruto da Tese de Doutorado *Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: Desamparo, pulsão de domínio e servidão* (2010), desenvolvida pela autora no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dr^a Ana Maria Loffredo.

² Lucianne Sant'Anna de Menezes é Especialista em Psicologia Clínica (CFP-CRP/06), Mestre e Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP, Psicanalista Membro Efetivo do Depto Formação em Psicanálise do *Instituto Sedes Sapientiae* (SP), Psicóloga na Vigilância em Saúde do Trabalhador da COVISA-SMS/SP e autora dos livros *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade: Um estudo psicanalítico* (2006) e *Desamparo* (2008). Contatos: lucianne@usp.br ou lsmenezes@prefeitura.sp.gov.br.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

SOBRE A PESQUISA EM PSICANÁLISE E O TEMA DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Quando Freud inventou a psicanálise, criou ao mesmo tempo um método de investigação da *psique* e um exemplo da utilização desse método, isto é, o tratamento psicanalítico. A psicanálise começou de fato como uma técnica de tratamento, na pesquisa clínica com as histéricas, mas superou as expectativas iniciais de seu criador a ponto de se tornar uma teoria da cultura.

Em uma conhecida passagem de *Dois verbetes de enciclopédia* (1923/1980, p.287), Freud define ‘psicanálise’ de modo a abarcar três aspectos indissociáveis: um método de investigação “de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo”; uma forma de tratamento, baseada neste método e uma teoria resultante do conhecimento que esse método produz “e que gradualmente se acumula em uma nova disciplina científica”. Esta definição nos remete a *24ª Conferência Introdutória sobre Psicanálise* (1917/1980, p.453), quando o autor mostra que “o que caracteriza a psicanálise como ciência, não é o material de que trata”, mas é o método com o qual trabalha, podendo ser extensivo “à história da civilização, à ciência, da religião e da mitologia não em menor medida do que à teoria das neuroses.” O aspecto essencial da psicanálise é o *método de pesquisa*: a interpretação psicanalítica.

Com isso, Freud mostra sua ousada proposta de que a teoria psicanalítica não se reduz à prática terapêutica e tampouco à psicologia individual. Pelo contrário, é uma ciência que ocupa uma área muito maior que a prática de consultório e as teorias psicológicas, sendo extensiva à cultura, à literatura, aos mitos, à arte e à religião, dentre outras áreas do conhecimento, extensiva, portanto, a tudo o que é relativo ao humano nas diferentes manifestações da *psique*.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Há vários textos na obra freudiana que tratam da extensão da psicanálise como, por exemplo, *Psicanálise* (1926) e *A questão da análise leiga* (1926a), que reforçam a relevância da psicanálise na compreensão do funcionamento dinâmico e conflitante entre o homem e a civilização. Freud marca, portanto, a importância da investigação psicanalítica das relações do sujeito com a cultura, ou seja, a importância da abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais, o que nos remete a *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), quando, logo no início ao explicar a importância do outro na construção e funcionamento do psiquismo, conclui que as relações de que tratamos na pesquisa psicanalítica podem ser consideradas como ‘fenômenos sociais’. O criador da psicanálise recusa a divisão indivíduo-sociedade e reforça a importância dos fenômenos sociais serem postos em contraste com processos narcisistas; refere-se à construção de ideais que articulam o sujeito nos laços sociais. Já nos seus fundamentos a psicanálise pensou no indivíduo inserido na sociedade, portanto, em relação.

O *método psicanalítico* é recortado do trabalho clínico, tendo em vista ser a clínica o lugar privilegiado na recuperação dos significados das formações psíquicas, na investigação do inconsciente, não como uma unidade universal, mas operando na relação com o outro. A clínica é o lugar por excelência de investigação do psiquismo. O coração da pesquisa freudiana era a clínica. Freud só pode construir uma teoria geral sobre a *psique* porque a patologia lhe abria brechas para pensar sobre o funcionamento psíquico. Foi a partir da investigação clínica que Freud pode fazer desdobramentos para uma teoria da cultura. Assim como Freud partia do coração de sua clínica para refletir sobre a cultura, o estudo desenvolvido caminhou na mesma direção, do exercício de um patrimônio clínico compartilhado por todo psicanalista, em que seja possível, a partir de sua trajetória (do referencial psicanalítico que foi banhado por sua própria experiência clínica e transmissão da psicanálise), recortar uma abordagem do fenômeno psíquico, portanto, um lugar de *observação psicanalítica*.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A Psicanálise é uma ciência que se debruça sobre o mundo, sobre as vivências do cotidiano, desvelando sentidos outros, sob os quais estamos submetidos, determinados pelas regras do inconsciente. O inconsciente está presente em toda manifestação humana, na cultura, na arte, no social, nos acontecimentos do dia-a-dia, nas relações entre as pessoas e delas com as instituições. As manifestações do inconsciente não estão restritas ao espaço do tratamento analítico como Freud mostrou em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), ao marcar a presença do inconsciente nos esquecimentos, nos *actos-falhos* e no tipo de humor. A possibilidade da observação analítica fora do *setting* habitual é operação do método.

Recuperar o fundamento do método psicanalítico na sua dimensão de extensão é fundamental, tendo em vista que o estudo sobre o qual este artigo discorre, é uma pesquisa psicanalítica a partir de casos investigados na Vigilância em Saúde do Trabalhador (VST). Pela lente freudiana, os casos expressam a maneira como os laços sociais estão se construindo, na atualidade, aspecto para o qual Freud chamou atenção desde os primórdios da psicanálise.

A pesquisa de psicanálise em extensão pode ser tomada como um dos campos da psicanálise, dispondo de dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade e que tem sua pertinência teórica e conceitual a partir de Freud.

No campo dos processos políticos, é possível localizar modalidades e efeitos de relações transferenciais e da ação da organização pulsional utilizados para governar. Lembremos que a transferência não é restrita à situação do tratamento analítico, ocorrendo em todo tipo de relação humana. O campo da transferência é um campo intersubjetivo que propicia uma situação de comunicação do inconsciente. Plon (1999, p.108) ressalta que a psicanálise tem

(...) a possibilidade de isolar os elementos de subjetividade empregados nas práticas sociais para, ao mesmo tempo, *esclarecer o que é residual nessas práticas*, quer dizer, aquilo que, nessas práticas, escapa à análise sociológica ou econômica e

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

enriquece por sua vez nosso conhecimento teórico das engrenagens desta subjetividade que tais práticas podem fazer aparecer.

Desse modo, foi pelo viés da minha prática na VST da COVISA (Coordenação de Vigilância em Saúde), que o tema da precarização do trabalho foi se impondo para mim, por conta de determinados fenômenos que me impactaram nas inspeções³.

A COVISA é um Órgão Municipal da Secretaria da Saúde da Cidade de São Paulo (SMS), ‘nível central’, responsável pelo Sistema Municipal de Vigilância em Saúde – SMVS. Foi criada em 2003, fruto da plena responsabilidade do SUS – Sistema Único de Saúde, que preconiza a municipalização das ações de vigilância em saúde. Desde 2006, faço parte de uma equipe multidisciplinar de técnicos da Vigilância em Saúde do Trabalhador (autoridades sanitárias⁴), juntamente com médicos do trabalho, sanitaristas, psiquiatras, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, dentistas, terapeutas ocupacionais, nutricionistas e engenheiros. Como sou psicóloga e psicanalista surgiu a pergunta: *O que pode um psicanalista na Vigilância em Saúde do Trabalhador?*

A questão do psicanalista, na contemporaneidade, refere-se a como a psicanálise pode ser útil nos vários ambientes em que o psicanalista é demandado. Como enfatiza Rosa (2004), “um psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado *a priori*, mas produzido na e pela transferência” (p.334). É na e pela relação transferencial que se constrói a questão a ser estudada.

Como psicanalista fui capturada pelo tema da *precarização do trabalho*, por conta das minhas observações cotidianas de trabalho, portanto, um tema construído na e pela relação transferencial. Trata-se de uma pesquisa psicanalítica, em que o método de

³ No processo de investigação da VST, a “Inspeção” é parte fundamental. Trata-se de um procedimento técnico que tem o objetivo de investigar, avaliar e intervir nos ambientes, processos e condições de trabalho, que causem riscos à saúde dos trabalhadores. É o contato com o trabalhador, com a empresa, com aquele modo específico de organização do trabalho.

⁴ Autoridade Sanitária se refere a cada profissional (técnico especializado) das equipes de Vigilância em Saúde que é investido da função fiscalizadora, competente para fazer cumprir as leis e regulamentos sanitários, expedindo termos, autos de infração, autos de imposição de penalidades, inclusive com poder de interdição de produtos, equipamentos e/ou do estabelecimento, referentes à prevenção e controle de tudo quanto possa comprometer a saúde. A palavra da autoridade sanitária tem fê pública.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

investigação da *psique* prioriza a abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais, retomando aspectos do pensamento freudiano como aquele que Laplanche (1988) denomina de ‘pensamento extramuros’, na idéia de que a psicanálise pode se dirigir para *fora-do-tratamento*, não para qualquer lugar, mas num movimento em direção ao cultural.

A precarização do trabalho é um complexo processo que articula os aspectos social, econômico e político da vida humana, afetando a vida no trabalho e fora dele. Diz respeito ao aumento e a intensificação da força de trabalho que se estrutura em bases cada vez mais desregulamentadas. Existe um processo de perda de estabilidade e da exploração do trabalho, em que há cada vez menos contratos de trabalho formal, tornando as relações de trabalho indefinidas e caracterizadas por um vínculo instável, flexível e frágil, portanto, com perda de direitos, adoecimentos de toda ordem e enfraquecimento das organizações coletivas, conforme mostram Antunes (2006, 2007 e 2008); Druck e Franco (2007, 2008); Thebaud-Mony e Druck (2007). *E quanto à dimensão psíquica deste complexo? Como a psicanálise poderia colaborar para essa reflexão?*

A precarização do trabalho é compreendida como um efeito nefasto das transformações do modelo econômico, decorrentes da reestruturação produtiva do capital e da globalização dos mercados financeiros que, no contexto brasileiro, tem suas especificidades em relação a outros contextos como o europeu, principalmente, por conta do processo de conformação das políticas sociais e das instituições de bem-estar no Brasil. Processos históricos como a constituição do Estado nacional, a conformação das instituições estatais e das ideologias nacionais e processos políticos como a ditadura militar, acabaram por determinar as características sociais que influenciam no conteúdo das políticas sociais brasileiras. Soma-se a esses processos, a referência à escravidão na gênese da sociedade e do Estado brasileiros que, sob o ponto de vista psicanalítico, pode ser compreendida como uma

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

marca traumática⁵ que produz efeitos nas subjetividades, a exemplo da produção de formas de subjetividade marcadas pela passividade.

Nos países da América Latina, de um modo geral, “a orientação e o conteúdo das políticas sociais são as de um Estado de bem-estar, mas que deve ser classificado como “restrito” ou “incompleto” pelas limitações dos seus programas e dos seus critérios de seletividade”. (LAUREL, 1997, p.160) Nesse sentido, é questionável se o Brasil é um Estado de bem-estar social. Os trabalhadores brasileiros muitas vezes estão às voltas com questões primárias como a sobrevivência. Essas questões primárias se articulam com aspectos decorrentes de formas agressivas de organização do trabalho, tornando bem complexo e com contorno próprio o quadro da precarização do trabalho no Brasil.

Como psicanalista tenho a clareza de que ao utilizar o referencial da metapsicologia freudiana para refletir sobre determinadas questões, é fundamental problematizar a produção de subjetividade na atualidade e os seus efeitos. Nestas reflexões é imprescindível considerar as articulações de diferentes discursos, tendo em vista a complexidade de relações existentes na constituição do sujeito, assim como do laço social que ordena como um tipo de civilização trata o que é da ordem do real.

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa foi examinar como o referencial psicanalítico freudiano poderia colaborar na abordagem do fenômeno da precarização do trabalho, presente na contemporaneidade. Em consequência disso, o objetivo principal foi investigar os modos de subjetivação que ocorrem na precarização do trabalho, no contexto da realidade brasileira atual. Para tanto, procurou-se estabelecer um diálogo na interface psicanálise, saúde e trabalho, interlocução complexa, em função dos limites que cada discurso impõe, mas rica e intrigante, tendo em vista os caminhos percorridos e os achados surpreendentes.

Para levar a cabo essa proposta, o primeiro passo foi delinear o campo da saúde do trabalhador, enfatizando a vigilância em saúde do trabalhador neste campo.

⁵ Conforme Souza (1999); Sousa (1999); Kaës e Faimberg (2001); Rosa (2009) e Koltai (2009).

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Procurou-se esclarecer a concepção de saúde utilizada – baseada principalmente, nas idéias de Canguilhem (1966) e contextualizada como um processo social e político –, assim como legitimar um diálogo com a psicanálise, a partir do pressuposto metodológico básico da vigilância em saúde do trabalhador que é a abordagem interdisciplinar.

Foi enfatizado que o processo de investigação da saúde do trabalhador diz respeito a um estudo da saúde na sua relação com o processo de produção. Na problematização da relação saúde-trabalho, as investigações são relacionadas ao caráter histórico e social do processo saúde-doença e de sua determinação. Esta abordagem epidemiológica, conforme mostram Laurell e Noriega (1989) e Breilh (1991), considera a historicidade dos processos biológicos e psíquicos, rompendo com o pensamento médico ortodoxo que enfatiza o caráter a-histórico da biologia humana. Este aspecto faz interface com a psicanálise, na medida em que, para Freud, sem historicidade não há sujeito. Na sua visão, o sujeito humano não é dado *a priori*, mas constituído na articulação com a sociedade⁶.

No manejo simultâneo das distintas vertentes teóricas criou-se uma dança espiral que, no enlaçamento destas diferentes vertentes com o repertório psicanalítico dominante neste trabalho, propiciou subsídios para uma *observação psicanalítica*, um modo específico de o psicanalista incidir sobre seu objeto de estudo: a *psique* humana em suas múltiplas manifestações, a psique em relação, como foi dito no início deste trabalho.

A observação psicanalítica de ‘*Fábrica de manequins*’, um caso investigado na VST-COVISA, permitiu transformar aspectos do trabalho diário da Vigilância em Saúde do Trabalhador em uma pesquisa comunicável. Dispondo de dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade, e recuperando o fundamento do método psicanalítico na sua dimensão de extensão, foi possível transmitir uma investigação psicanalítica sobre o fenômeno social da precarização do trabalho. Esta característica, somada ao pressuposto metodológico básico da VST, que é a abordagem interdisciplinar, tornou legítima a

⁶ Para um maior detalhamento a respeito do campo da saúde do trabalhador e da VST neste campo, ver *Capítulo 1: Notas sobre o campo da saúde do trabalhador* do estudo *Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: Desamparo, pulsão de domínio e servidão*, Menezes (2010).

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

contribuição da psicanálise na análise da relação da saúde com o processo de trabalho. Tendo em vista que a saúde foi contextualizada como um processo social, referindo-se ao sujeito implicado como ator na cena, a saúde do trabalhador pode ser considerada como um dos efeitos dos modos de produção de subjetividade na atualidade.

“FÁBRICA DE MANEQUINS”: UMA CONDIÇÃO DE TRABALHO PRECARIZADA

O caso de uma empresa do segmento de fabricação de manequins, investigado na VST-COVISA, entre 2008 e 2009, serviu como disparador na construção das questões fundamentais deste estudo. Trata-se de uma indústria de pequeno porte, que produz manequins para exposição de roupas e acessórios utilizados, rotineiramente, em vitrines de lojas no comércio em geral, fornecendo inclusive, para shoppings de consumidores da ‘classe A’. O caso foi montado em vários tópicos, de modo a permitir que o leitor pudesse tanto acompanhar um processo de investigação da saúde do trabalhador como, em vários momentos, voltar a um ponto de vista psicanalítico e pensar de que maneira os modos de subjetivação se entrelaçam com esse panorama.

A pequena fábrica estava instalada em uma casa residencial, na periferia da cidade de São Paulo, de forma improvisada e adaptada, com piso irregular de cimento rústico sem acabamento e com buracos, inclusive nas paredes e no teto. Tudo era tomado por um material particulado branco, o ar, o chão, as paredes, os trabalhadores da cabeça aos pés. A fiação elétrica era improvisada e irregular, assim como a iluminação e ventilação do local. Em todo o percurso eram patentes os sinais de um ambiente desorganizado, degradado e mal cuidado, tudo em meio ao processo de produção, aos postos de trabalho mal definidos, aos trabalhadores, que desempenhavam suas tarefas “com naturalidade”, e aos manequins que se encontravam por todo lado, inteiros ou em partes, encostados, empilhados, jogados,

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

compondo uma cena de filme de horror dada à semelhança estética com corpos humanos mutilados.

Trabalhadores e manequins se misturavam e se confundiam e de modo metafórico, foram denominados de *‘trabalhadores manequinizados’*. Do ponto de vista psicanalítico, podemos levantar as seguintes questões: *O que faz com que os trabalhadores vivam esse tipo de situação com ‘naturalidade’? Quais as formas de expressão da subjetividade neste contexto? Quais as especificidades do circuito pulsional em jogo?*

Eram vinte e um trabalhadores, todos homens com idade entre 21 e 45 anos, alguns casados e com filhos. Desenvolviavam as funções de “acabadores”, “moldadores”, “pintores” e “motorista”, sendo a maioria (60%) sem registro em carteira de trabalho.

O processo de produção é dividido em seis etapas: 1) fracionamento de substâncias químicas (resina – uma mistura a base de ‘monômero de estireno’, um produto químico cancerígeno que pode afetar o SNC e/ou agravar distúrbios do mesmo, dentre outros perigos); 2) moldagem das partes do manequim; 3) secagem dos moldes; 4) destaque e colagem das partes moldadas; 5) lixamento; e 6) acabamento do produto final. As cinco primeiras etapas são realizadas no pavimento superior (por 10 trabalhadores) e a finalização do processo produtivo (6ª etapa) no pavimento térreo (por outros 10 trabalhadores).

Na análise da organização do processo produtivo na fábrica (fotografias 1 e 2), encontramos uma forma precarizada de produzir e, em consequência disso, uma condição de risco grave à saúde do trabalhador, o qual está exposto a riscos físicos, químicos, biológicos, biomecânicos, de acidentes, riscos sociais⁷ e riscos para saúde mental⁸. Toda a

⁷ O *risco social* é resultante de carências que contribuem para uma degradação das condições de vida em sociedade tais como: as carências econômicas e de condições de habitação e saneamento; a desnutrição; a falta de integração e suporte familiar; baixos níveis educacionais e culturais. Tendo em vista que o trabalho é parte do universo social, inclusive estruturante de um lugar do sujeito na sociedade, o risco social também envolve o ‘trabalho’. Se as condições de trabalho são inadequadas, precárias e ruins, se o trabalho é desestruturado, ele passa a ser um risco social. No caso da *‘Fábrica de manequins’* o risco social é expressão do trabalho precarizado. De um modo geral, os riscos sociais são: a fome, a criminalidade, as doenças, a falta de habitação, a falta de lazer, o desemprego e o subemprego, como mostram Boaventura de Souza Santos (2001), Catherine Prost (2006), Cláudio Antônio Gonçalves Egler (1996) e Mary Jane P. Spink (2001).

⁸ Conforme mostram Seligman-Silva (1994), Sato e Bernardo (2005) e Heloani (2003), os *riscos para a saúde mental* dos trabalhadores são relativos a três aspectos: 1) *à organização do trabalho*: principalmente, o ritmo acelerado; a pressão por produção e à jornada excessiva de trabalho; aos constrangimentos cotidianos; a exposição dos trabalhadores a situações humilhantes, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho; a ameaça de desemprego; a manipulação do medo; a competitividade desenfreada; e aos ‘programas de qualidade total’

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

produção dos manequins está estruturada de tal forma que o trabalhador fica submetido a uma condição de trabalho com exposições múltiplas, que podem levar a perda da saúde e morte precoce. Soma-se a isso, o fato da área de conforto ser uma extensão da produção, o que, ao contrário de propiciar proteção e segurança para o trabalhador, transforma-se na disseminação do risco para fora da empresa: para seu domicílio e para o meio-ambiente, assim como ocorre com o destino inadequado dos resíduos industriais (fotografias 3 e 4).

A condição de risco, encontrada na pequena fábrica, foi caracterizada como uma *banalização do risco*, tendo em vista que o processo de risco à saúde do trabalhador se transformou em prática cotidiana, o que, infelizmente, é característica da nossa sociedade na atualidade, de modo que pode tender a naturalizar-se no imaginário social. Sob a lente da psicanálise, a questão da ‘naturalização’ do risco no ambiente de trabalho, *revelou uma posição de submissão do trabalhador a uma condição de trabalho precarizada*, que lhe foi imposta pela maneira como está estruturada a organização do trabalho.

Os “*trabalhadores manequinizados*” desempenhavam suas tarefas com ‘naturalidade’, como se tivessem nascido para aquilo. Chamaram minha atenção sua resignação e a docilidade àquela situação encontrada na fábrica. Quando perguntei sobre suas condições de trabalho, responderam: “*Ah... aqui... Tá bom né, não tô desempregado*”; “*É... porque no fim da semana eu tenho dinheiro pra levar pra casa*”; “*Pra mim tá bom. Eu tenho trabalho*”. Parecia uma falta de vontade de transformação: ‘*Está tudo bem*’.

Como podia estar tudo bem naquele lugar? O que faz com que esses trabalhadores vivam esse tipo de situação com ‘naturalidade’?

associados à produtividade e dissociados da qualidade de vida do trabalhador. Expressões como “ritmo alucinante”, “trabalho incessante”, “loucura”, “desespero” são usadas com frequência pelos trabalhadores para expressar a intensidade do sofrimento provocado por essas características da organização do trabalho; 2) *à convivência com situações de perigo para a vida no trabalho*: em especial, nos ramos bancário, da construção civil e da indústria química; e 3) *à contaminação por produtos químicos*: principalmente, benzeno, mercúrio, manganês e os hidrocarbonetos alifáticos ou aromáticos saturados, como é o caso do monômero de estireno.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



Fotografia 1



Fotografia 2



Fotografia 3

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



Fotografia 4

No decurso da pesquisa, tornou-se evidente que as condições de trabalho de “*Fábrica de manequins*”, assim como a situação da banalização do risco à saúde do trabalhador, a ausência de vínculo trabalhista e os baixos salários, representam aspectos do complexo processo de precarização do trabalho, um processo de perda constante e tendencial de direitos conquistados e dos modos de vida estabelecidos, assim como das condições de saúde e de trabalho, que se degradam dados os constrangimentos e a lógica do capital. Por estas questões, a precarização do trabalho é considerada a implicação mais proeminente da flexibilização, que aliada à desregulamentação sustenta uma condição de trabalho precarizado visível, principalmente, nas formas de subcontratação e terceirização, tão bem ilustradas pela pequena fábrica.

O breve apanhado histórico, realizado no estudo, propiciou a contextualização do quadro encontrado na casa-fábrica como uma precarização típica do capitalismo brasileiro e de sua história respaldada pela era da reestruturação produtiva destruidora de direitos. A partir da proposta de Carvalho Franco (1969), na compreensão da escravidão como instituição submetida a outras determinações que lhe deram sentido, que não o princípio unificador do sistema social, foi possível esclarecer que a situação econômica é o

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

elemento articulador da sociedade brasileira, em que a categorização dos indivíduos se deu pela diferenciação social fundada na situação econômica e na atividade lucrativa, que determinavam a posição ocupada na escala do poder e do prestígio.

As interpretações de Carvalho Franco (1969) e Ianni (2004) de que o brasileiro independente de sua classe social, ainda prolonga no cotidiano atitudes do escravismo, de que as marcas do regime servil podem ser observadas em peculiaridades da nossa sociedade (como por exemplo, o trabalho pago com troca de favores), mostram o funcionamento da estrutura dominação-servidão. “*Fábrica de manequins*” revela esta herança.

A afirmação de Ianni (2004) de que “é possível perceber as heranças do escravismo predominando sobre todas as heranças” (p.61), sob o ponto de vista psicanalítico, poderia ser pensada como uma marca traumática, que produz efeitos nas subjetividades como a reatualização do mecanismo perverso e de um modelo identificatório do *domínio*, expressos no caso da pequena fábrica. Um dos resultados é a produção de formas de subjetividade marcadas pela passividade, evidente na submissão do ‘*trabalhador manequinizado*’ a uma condição de trabalho precarizada como prática cotidiana e a naturalização da servidão, podendo lançá-lo no abismo do desamparo (*Hilflosigkeit*).

A pesquisa mostrou que, na atualidade, os modos de organização do trabalho reeditam, sob outras formas de dominação, a sujeição anteriormente existente e, nesse sentido, a precarização do trabalho redefine de certa forma a velha precarização do Brasil Colônia, como ilustra o caso “*Fábrica de manequins*”. Se sob o ponto de vista sócio-histórico, o processo da precarização do trabalho aumenta os riscos e agravos à saúde dos trabalhadores, sob o prisma psicanalítico, favorece, estimula e intensifica uma condição de submissão no trabalho e uma forma de dominação perversa.

O Brasil contemporâneo parece um ‘caleidoscópio do tempo’ em que se mesclam e distinguem o passado e o presente, formas de vida e de trabalho, que segundo

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Breilh (1991) determinam o padrão de saúde, de adoecer e de morrer, os modos de ser e de pensar. Como nos mostrou Ianni (2004, p.63):

O Brasil Moderno ao mesmo tempo em que se desenvolve e diversifica, preserva e recria traços e marcas do passado recente e remoto, nesta e naquela região. O país parece um mapa simultaneamente geográfico e histórico, contemporâneo e escravista, republicano, monárquico e colonial, moderno e arqueológico. Toda sua história está contida no seu presente, como se fosse um país que não abandona e nem esquece o pretérito; memorioso.

A MONTAGEM PERVERSA NO CAMPO DO TRABALHO: PRECARIZAÇÃO E SERVIDÃO

Retomemos a pergunta: *O que faz com que os trabalhadores vivam com ‘naturalidade’ o tipo de situação encontrada em “Fábrica de manequins”?* Como podem suportar tal situação?

Há tecnologia disponível para a produção de manequins que não expõe o trabalhador ao nível de risco encontrado na pequena fábrica. Esta situação é melhor compreendida quando remetida ao conceito de *cadeia produtiva* que, segundo Leite (2000, p. 77), trata-se de uma rede em que as empresas se inserem “com funções e uma dinâmica que só pode ser compreendida a partir da análise da cadeia em seu conjunto”. As análises indicam uma interdependência cada vez maior entre as empresas e que as relações entre elas são fundamentais para compreender o que se passa na singularidade de cada uma.

No contexto da cadeia produtiva, foi possível demonstrar que “*Fábrica de manequins*” expressa os efeitos das relações entre as grandes empresas com seus fornecedores, em que prevalece a pressão pela redução de custos, as leis do “mercado livre”, dominado pelas empresas que detêm o capital e que, na atualidade, funcionam segundo a lógica da gestão

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

gerencialista, preocupada em “canalizar as necessidades dos clientes sobre os produtos da empresa e de transformar trabalhadores em agentes sociais de desempenho. O trabalhador é considerado se for rentável. O cliente é rei se for solvível”, enfatiza Gaulejac (2007, p.50). Este tipo de situação pode levar a uma forma precarizada de produção e ao aumento dos riscos para a saúde do trabalhador. Nestas relações há uma forma de experiência intersubjetiva em jogo, que sob o prisma psicanalítico, parece privilegiar o funcionamento perverso, tendo em vista que se organiza um tipo de laço social que encoraja a avidez pelo poder de uns a custa da submissão de outros. O trabalhador é considerado como objeto de uso e de gozo, sendo a sua existência condicionada a uma posição servil.

Sobre a perversão como laço social, Szpacenkopf (2003, p.138) explica que a ênfase está na

(...) forma de engrenagem com que os parceiros funcionam não importando a chamada patologia de cada um. Aí a dessexualização faz com que os laços sociais obedeçam a uma exigência de funcionalidade, de “serviço comum a um saber partilhado”, de uso de semblante a ser gerido, incluídos numa cena e fazendo parte de uma montagem (...) que não existe sem os elementos que a constituem.

Trata-se de manipulação do outro como técnica de existência: o triunfo da instrumentalização, que só é triunfo se os parceiros funcionarem como instrumentos desta técnica. Em consequência disso, a subjetividade vai sendo reduzida à instrumentalização, estando mais em função da pulsão de agressão, mais especificamente da pulsão de domínio, da vontade de poder. Como disse Freud (1933/1980), “realmente parece necessário que destruamos alguma outra coisa ou pessoa, a fim de não nos destruímos a nós mesmos, a fim de nos protegermos contra o impulso de autodestruição”. (p.131)

Peixoto Jr. (1999, p.270) enfatiza que:

Basta um mínimo de instrumentalização dos sujeitos, com a consequente redução de suas possibilidades simbólicas, para que a relação perversa se instale, na medida em que eles passam a emprestar seus bens (seus corpos e seus nomes) para o gozo de

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

um outro. E basta que este gozo se torne um sistema de regulação social para que a perversão ganhe o impulso em direção ao seu estabelecimento como política.

A hipótese defendida na pesquisa foi a de que as relações que se estabelecem em uma cadeia produtiva, mais especificamente, entre as grandes empresas com seus fornecedores, como é o caso de “Fábrica de manequins”, revelariam uma montagem perversa, tendo em vista que são laços que enfatizam uma forma de funcionamento pautada em leis próprias, em que os envolvidos se devotam por exercer em nome da ilusão de uma vida social satisfatória, perfeita e completa. Uma tentativa de fazer funcionar um sistema sem falhas. Portanto, a pequena fábrica expressaria um dos efeitos da montagem perversa, no âmbito do trabalho, marcada pelo viés da servidão, aspecto do complexo processo de precarização do trabalho privilegiado na pesquisa.

A DOMINAÇÃO PERVERSA: UM TIPO DE MANIPULAÇÃO DO PODER

Na fábrica, o trabalho aparece fortemente marcado como uma questão de sobrevivência, expressando uma sujeição à necessidade, em que o trabalhador vai perdendo a modalidade ‘bios’, ficando reduzido à modalidade ‘zoé’, ao labor, à pura vida biológica⁹, a um ‘trabalhador manequinizado’: “Aqui tá bom, né... porque no fim da semana eu tenho dinheiro pra levar pra casa” (fragmento do relato de trabalhador). Sob a lente psicanalítica, a montagem perversa em jogo na cadeia produtiva seria sustentada por certo mecanismo de manipulação do poder na contemporaneidade, que visa à redução da vida a sua modalidade biológica: *a dominação perversa*¹⁰.

⁹ Conforme Arendt (1958) em *A condição humana*.

¹⁰ Helsinger (2004) e Peixoto Jr. (1999).

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Um dos aspectos das estratégias do poder, na contemporaneidade, é incidir sobre o sentido da vida. São formas de poder que investem na redução da vida a sua modalidade biológica, procurando abalar “a potência da experiência compartilhada que escreve a história do sujeito e da comunidade”, como mostram Rosa, Vicentin e Cartroli (2009, p.58). Para as autoras, a “estratégia política de controle e submissão no mundo contemporâneo enreda o sujeito em seu campo libidinal” de tal forma que “o sujeito enreda-se no gozo”. (p.61) Nesse quadro, *Fábrica de manequins*’ pode ser pensada como um dos efeitos da forma de manipulação do poder que procura reduzir o homem ao labor, à pura vida biológica, que tende a criar condições para um impedimento da ação política.

A partir de uma direção teórica de leitura¹¹, que enfatiza a dimensão da política e do poder no discurso freudiano, foi possível mostrar que a regulação política do espaço social tem como correlato psíquico a relação do sujeito com suas fontes de prazer e de gozo, portanto, da circulação das pulsões e do desejo. O processo da precarização do trabalho pode ser compreendido como um dos efeitos da pulsão de agressão voltada para fora, mais especificamente, como pulsão de domínio ou ‘vontade de poder’, uma forma de manifestação da perversão no espaço social. *Esta articulação metapsicológica fundamentou a hipótese de que ‘fábrica de manequins’ expressaria um dos efeitos da montagem perversa, no âmbito do trabalho, marcada pelo viés da servidão.*

Constitui-se, um tipo de manipulação do poder que se dá por meio de mecanismos de dominação perversa observáveis na esfera pública, por meio de “formações sociais que incidem sobre os sujeitos, apagando diferenças e impedindo a plena manifestação de suas múltiplas subjetividades”. (PEIXOTO Jr., 1999, p.255)

Podemos pensar que no campo do social a dominação perversa articula uma dominação política com uma dominação do sujeito. A dominação perversa pode ser compreendida como um mecanismo de manipulação do poder que sustenta a montagem perversa, por meio de uma estratégia que procura desarticular as respostas do dominado para

¹¹ Optou-se pelas idéias de Birman (1997, 2001, 2009) e Plon (1999, 2002), tendo em vista que se encadeiam nos interesses da pesquisa.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

sua condição de submissão, como ocorre no nível das relações intersubjetivas na cadeia produtiva (*'Fábrica de manequins'* e clientes) situação desvelada pelas condições de trabalho na pequena fábrica.

POR UMA ARTICULAÇÃO METAPSICOLÓGICA ENTRE “TRABALHO” E DESAMPARO (*HILFLOSIGKEIT*)

Do ponto de vista freudiano, o trabalho é um elemento essencial da vida humana, tendo em vista sua função estruturante, seja ao possibilitar destinos para as pulsões, seja ao assegurar ao sujeito um lugar no circuito social. A essência da noção freudiana de ‘trabalho’ (*Arbeit*) reside nas operações do psiquismo. O trabalho é uma ocasião para elaboração psíquica; constitui-se em um dos meios de expressão do sujeito, podendo ser compreendido como uma resposta sublimatória ao desamparo (*Hilflosigkeit*). O trabalho, portanto, é um derivativo poderoso para lidar com a vida, sendo que a ênfase no trabalho constitui-se em uma técnica na arte de viver. Diz Freud (1930/1980):

Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho (*Arbeit*), pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que esta técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional (*Berufsarbeit*) e para os relacionamentos humanos a ele vinculados empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade. (p.99, nota 1)

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud demonstra que as manifestações da subjetividade se dão em relação ao que ele denominou de ‘mal-estar na civilização’, tendo em vista que a relação do sujeito com a cultura é permeada pelo

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Esse conflito irremediável é constitutivo da condição subjetiva do humano, sendo o desamparo (*Hilflosigkeit*) a base dessa condição. É nesse contexto que Freud (1930) compreende o ‘trabalho’ como um instrumento que o homem criou para lidar com seu desamparo e viver em sociedade.

Neste ponto, é preciso evocar a mensagem freudiana de que para viver as pessoas criam possibilidades afetivas no enfrentamento da condição fundamental de desamparo, condição essencial tanto para o desenvolvimento psíquico como para a manutenção da civilização. Para viver o ser humano procura destinos para seu desamparo sejam destinos criativos, (a sua aceitação), sejam destinos funestos, (o seu evitamento)¹².

Podemos dizer que a negação da condição de desamparo se dá por dois movimentos de produção de subjetividade: formas que supondo triunfar sobre a condição de desamparo alimentam-se do horror do outro, acreditando assim dominar tal condição; como por formas de subjetivação que acreditando se proteger do horror do desamparo privilegiam experiências de assujeitamento ao outro, como mostra Birman (2006) em *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Mas, o perigo maior está na aliança que encontra eco contra o desamparo como é o caso da montagem perversa, em que o mecanismo de dominação perversa constitui-se em uma forma de evitar o confronto com o desamparo.

Do ponto de vista metapsicológico, “*Fábrica de manequins*” foi considerada como uma ilustração da ameaça da instalação de uma situação traumática em que a subjetivação torna-se um processo de sujeição. O lugar de assujeitado e submetido é a possibilidade subjetiva oferecida aos ‘*trabalhadores manequinizados*’, na montagem perversa. Ou seja, a opção de subjetivação preponderante, no contexto da pequena fábrica, foi o aprisionamento e submissão à posição masoquista no circuito pulsional. Podemos dizer que o circuito pulsional na pequena fábrica diz respeito ao *masoquismo como figura da servidão*, em que a questão em primeiro plano é a posição de assujeitamento e humilhação na relação

¹² Para maiores esclarecimentos sobre a noção freudiana de ‘desamparo’ (*Hilflosigkeit*), ver Menezes (2008) em *Desamparo*.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

com o outro e não o prazer com a dor, como desenvolvi em estudos anteriores (MENEZES, 2006 e 2008). A dor é uma consequência da posição servil e submissa diante do outro e não um objetivo a ser alcançado. O objetivo, na verdade, é se proteger do desamparo, do abuso arbitrário e cruel do outro.

Desse modo, foi possível estabelecer uma leitura da precarização do trabalho como uma das expressões do mal-estar atual, que assume uma direção marcadamente perversa, assim como foi possível mostrar que *'fábrica de manequins'* evidencia um dos modos de subjetivação do complexo processo da precarização do trabalho: a servidão. Na medida em que a montagem perversa se caracteriza como uma aliança no evitamento do desamparo, o processo de precarização do trabalho poderia ser compreendido como um dos destinos funestos para o desamparo, sendo esta uma possível articulação metapsicológica entre o desamparo (*Hilflosigkeit*) e a precarização do trabalho.

A montagem perversa fomenta o que há de pior na civilização: a destruição da alteridade, os mecanismos de exclusão e dominação, a violência, a agressividade, a humilhação e a servidão. Portanto, quando detectada, deve ser denunciada. Esta pesquisa foi uma tentativa nessa direção, tendo em vista que desvelou mecanismos de dominação perversa em relação à saúde do trabalhador.

Para Freud (1930) a manutenção da civilização depende da maneira pela qual as pessoas escolham amar e trabalhar. Sua idéia é que a necessidade do trabalho coletivo, somente, não é fator suficiente para manutenção da civilização, que depende do quanto o 'trabalho' e os relacionamentos humanos a ele vinculados possam propiciar de deslocamentos de 'componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos'. Desse modo, espero que com este trabalho a psicanálise possa ter trazido alguma contribuição não só para seu patrimônio como para os debates a respeito do complexo processo da precarização do trabalho e para as relações da saúde com o processo de produção.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – 2ª Etapa do processo produtivo / Bancada de trabalho improvisada / Trabalhadores sem EPI's adequados.

Fotografia 2 – 5ª Etapa do processo produtivo / Postos de trabalho improvisados / Trabalhadores sentados entre dois tambores de monômero de estireno (azuis).

Fotografia 3 – Vestiário / Péssimas condições de higiene e conforto / Notem o buraco na parede.

Fotografia 4 – Banheiro / Péssimas condições de higiene e conforto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, 527p.

_____. Dimensões da precarização estrutural do trabalho. In: DRUCK, G. e FRANCO, T. (orgs.) **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.13-22.

_____. Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho? In: **Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho**. São Paulo, 28 e 29 de novembro de 2008, p.1-14.

ARENDT, H. (1958) **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2007, 339p.

BREILH, J. **Epidemiologia: economia, política e saúde**. São Paulo: Hucitec, 1991, 276p.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 418p.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

CANGUILHEM, G. (1966) **O normal e o patológico**. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

CARVALHO FRANCO, M. S. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: UNESP, 1997, 255p.

DRUCK, G.; FRANCO, T. (orgs.) Apresentação. In: **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.7-9.

_____. Terceirização e precarização: o binômio anti-social em indústrias. In: **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.97-18.

_____. **O trabalho contemporâneo: precarização e saúde mental**. In: **Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho**. São Paulo, 28 e 29 de novembro de 2008, p.1-14.

EGLER, C. A. G. Risco Ambiental como critério de Gestão do Território: uma aplicação à Zona Costeira Brasileira. In: **Território**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.1, n.1, p. 31-41, 1996.

FREUD, S. (1901) Psicopatologia da vida cotidiana. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v.6.

_____. (1916-1917) Conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXIV – O estado neurótico comum. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v.16, p. 441-56.

_____. (1923) Dois verbetes de enciclopédia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v.18, p.285- 312.

_____. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v.18, p.89-179.

_____. (1926) Psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v. 20, p.301-14.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

_____ (1926a) A questão da análise leiga. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v. 20, p.205-93.

_____ (1930) O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v. 21, p.75-177.

_____ (1933) Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise: Conferência XXXII – Angústia e vida pulsional. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (ed. 1980). (Salomão, J. trad.) Rio de Janeiro: Imago, v. 22, p. 103-38.

HELOANI, R. J.; CAPITÃO, C. G. Saúde mental e psicologia do trabalho. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, 17(2), abril-junho de 2003, p.102-8.

HELSINGER, L. A. **O tempo do ser-vil: o mercado perverso da servidão**. Rio de Janeiro: Imago, 2004, 276p.

IANNI, O. **A idéia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004, 183p.

KAËS, R.; FAIMBERG, H. et al. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, 228p.

KOLTAI, C. (2009, 24 de novembro) Memória e transmissão. **Trabalho apresentado no evento Trauma, memória e transmissão: A incidência da política na clínica psicanalítica**. São Paulo: Departamento Formação em Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. (GAMA, J. trad.) Lisboa: Edições 70. 1988, 174p.

LAURELL, A. C. Avançando em direção ao passado: a política social do neoliberalismo. In: **Estado e políticas sociais no neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1997.

LAURELL, A. C. e NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde: Trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MENEZES, L. S. **Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo / FAPESP, 2006, 240p.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

_____ **Desamparo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, 126p. (Coleção Clínica Psicanalítica v.45).

_____ **Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: Desamparo, pulsão de domínio e servidão.** São Paulo, 2010, 233p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

PEIXOTO Jr. **Metamorfoses entre o sexual e o social. Uma leitura psicanalítica sobre a perversão.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, 316p.

PLON, M. A face oculta da análise leiga. In: **Ágora**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.91-110.

_____ Da política em o *mal-estar* ao mal-estar da política. In: LE RIDER, J. et al (orgs.) **Em torno do mal-estar na cultura, de Freud.** São Paulo: Escuta, 2002, p.145-85.

PROST, C. Populações em situação de risco e petróleo em região costeira - discussão sobre a Costa Norte. In: LAGE, C. S.; PROST, C.; BRAGA, H. C. (orgs.) **Estratégias ambientais e territoriais.** Salvador: Fast Design, 2006, p. 213-228.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. In: **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v.4, p.329-48, 2004.

ROSA, M. D., VICENTIN, M. C. e CARTROLI, V. S. C. Viver em tempos sombrios: a experiência e os laços com os contemporâneos. In: **Psicologia em Revista.** Belo Horizonte, v.15, n.1, p.51-68, abril/2009.

SANTOS, B. S. A ciência e o Risco Social. In: **Visão**, 11 de janeiro de 2001, Centro de Estudos Sociais – CEP, Laboratório Associado, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

SATO, L. e BERNARDO, M. H. Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. In: **Ciência e saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.869-78, 2005.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado.** São Paulo: Cortez, 1994.

SOUSA, E. L. A. (org.) **Psicanálise e colonização: Leituras do sintoma social no Brasil.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

SOUZA, M. A cordialidade como mal-estar ou a violência como o recalcado. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 2 (4), p. 123-42, 1999.

Estudos do Trabalho

Ano IV – Número 7 – 2010

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

SPINK, M. J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.17, v.6, p.1277-311, novembro-dezembro, 2001.

THEBAUD-MONY, A.; DRUCK, G. Terceirização: a erosão dos direitos dos trabalhadores na França e no Brasil. In: **A perda da razão social e do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.23-58.